

## **BEIJEI UM GAROTO. EU SOU GAY? CAMINHOS PARA PENSAR ADOLESCÊNCIA E HOMOSSEXUALIDADE<sup>18</sup>**

Carlos Henrique Pereira Franco

### **RESUMO**

O artigo parte da pergunta comumente feita por muitos adolescentes: “Beije um garoto. Eu sou gay?”, e traz reflexões sobre o tema a partir da discussão teórica construída na pesquisa “Sexualidade e adolescência: práticas e sentidos entre adolescentes homossexuais em Salvador”, desenvolvida no Programa de Iniciação Científica da Faculdade Ruy Barbosa DevrylBrasil, concluída em 2014. Para refletir sobre esse questionamento fez-se, inicialmente, um apanhado de alguns conceitos sobre adolescência presentes na literatura em psicologia, e um breve histórico sobre a sexualidade a partir de autores como Michel Foucault, Marilena Chauí e Luiz Mott. A revisão de literatura aponta para a construção sócio-histórica tanto da adolescência como da sexualidade, e traz a dimensão não patologizante do indivíduo, discutindo como na adolescência a homossexualidade está presente não apenas como uma “experimentação”, mas pode fazer parte da construção identitária e sexual destes sujeitos.

**Palavras-chaves: Adolescência. Homossexualidade. Psicologia.**

### **ABSTRACT**

The article begins with the question commonly asked by many teenagers: "I kissed a boy. Am I gay? ", and reflects on the topic from the theoretical discussion built on the research “Sexuality and Adolescence: practices and meanings among gay teenagers in Salvador”, developed in the Scientific Initiation Program at Ruy Barbosa Devry | Brazil Faculty, concluded in 2014. To reflect on this question, was made initially an overview of some concepts about adolescence in the literature on psychology, and a brief history of sexuality, using Michel Foucault, Marilena Chauí and Luiz Mott as references. The literature review points to the socio-historical construction of both adolescence and sexuality, and do non-pathologic the individuals, discussing how homosexuality is present in

---

<sup>18</sup> Este texto foi indicado para publicação pela professora Dra. Darlane Silva Vieira Andrade, docente do Bacharelado em Gênero e Diversidade da Universidade Federal da Bahia, pela qualidade do texto e contribuição do mesmo para a discussão teórica sobre sexualidade e gênero entre adolescentes.

adolescence not only as an "experimentation" behavior, but also as a part of the construction of identity and sexuality of these subjects.

**Keywords:** Adolescence; Homosexuality; Psychology.

## APRESENTAÇÃO

A adolescência é compreendida na nossa sociedade ocidental a partir da circulação de discursos que abordam este fenômeno como um período atravessado por crises: de identidade, familiar, nos relacionamentos afetivos etc, sendo designado, no senso comum, como período de “aborrescência”. Não se contesta a possibilidade da presença destas características entre adolescentes, porém, pode-se dizer que todo processo de constituição do sujeito acarreta em transformações biológicas, psíquicas e sociais, gerando conflitos e dúvidas, que são importantes no processo de desenvolvimento.

Nesse sentido, a adolescência corresponde a um período de descoberta de si, de curiosidade por novas experiências, caracterizada pela necessidade de integração social, pela busca da independência individual, do desenvolvimento da personalidade e definição da identidade sexual (ERIKSON, 1976) sendo esse período de desenvolvimento marcado por mudanças significativas.

No campo da Psicologia e outras áreas do saber, há diferentes olhares teóricos acerca do conceito de adolescência. Contudo, é corriqueiro que a própria literatura, e os discursos que circulam no social, conduzam esse olhar para um período de “conturbações”. Surgem, então, questionamentos acerca dos comportamentos em torno da sexualidade, já que espera-se socialmente que haja uma definição da identidade sexual e social, como aponta Erik Erikson (1976). E neste terreno, se um adolescente beijar outro adolescente do mesmo sexo, ele é gay? Ou está apenas testando as próprias possibilidades no exercício de sua sexualidade? Ou ainda, apenas experienciando afim de “ceifar sua curiosidade”?

Para refletir sobre esses questionamentos faz-se necessário um breve olhar sobre a adolescência, sobre a sexualidade e suas práticas.

### **CONSIDERAÇÕES SOBRE ADOLESCÊNCIA**

Em geral, a adolescência inicia-se com as mudanças corporais da puberdade devido ao desenvolvimento das gônadas que estimulam uma série de mudanças que preparam o corpo para maturidade sexual, tais como: para o aparecimento dos pelos pubianos, o crescimento dos seios, a primeira menstruação, para as meninas. Nos meninos também há o aparecimento dos pelos pubianos, somado aos pelos no rosto, mudanças na voz, à primeira ejaculação, dentre outras características. Este desenvolvimento cessa perto dos 20 anos de idade (o critério da idade foi definido com base em aspectos do desenvolvimento biológico e por aspectos sociais), mas o que irá determinar o término da adolescência serão aspectos mais sociais tais como a inserção social, profissional e econômica na sociedade adulta, segundo Vera Formigli, Maria Costa e Lauro Porto (2000).

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), define adolescência como um período biopsicossocial, que compreende a idade entre 12 e 18 anos. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a adolescência acontece entre os 10 e 19 anos. Esse também é o critério adotado pelo Ministério da Saúde do Brasil (MS) e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), segundo Evelyn Eisenstein (2005).

Segundo os estudos de Benedito Santos (1996), que mapeou historicamente as concepções de infância e adolescência incluindo perspectivas da teologia, a filosofia, a psicologia e as ciências sociais, identificou em Rousseau a invenção da adolescência como um período típico do desenvolvimento, marcado pela turbulência, no qual o jovem não é nem criança nem adulto. A partir daí, diversos estudos apontam

para características de transição para a vida adulta e para a existência de aspectos universais, principalmente psíquicos, que marcam esta etapa da vida.

Para Maurice Debesse (1946) citado por Wanda Aguiar, Ana Bock e Sergio Ozella (2001), “a adolescência não é uma simples transição entre a infância e a idade adulta, mas ela possui uma mentalidade própria com um psiquismo característico dessa fase” (p. 15).

Arminda Aberastury e Maurício Knobel (1981) consideram algumas características psicossociais da adolescência como universais, apontando que a adolescência é um momento “crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento” (p.10). Esses autores introduzem o conceito de “síndrome normal da adolescência” e condiciona toda a realidade biopsicossocial a circunstâncias interiores ao afirmarem a existência de uma “crise essencial da adolescência”. “O adolescente passa por desequilíbrios e ‘instabilidades extremas’ e que o adolescente apresenta uma vulnerabilidade especial para assimilar os impactos projetivos de pais etc”. (ABERASTURY; KNOBEL, 1981, p. 11).

Diferente das concepções citadas, a Psicologia Sócio-histórica<sup>19</sup> tece uma crítica sobre a visão “naturalizada” da adolescência, principalmente advinda das ciências médicas, como uma etapa de crises e turbulências e considera que a adolescência não é um período natural do desenvolvimento, assim como suas características não são universais. A adolescência seria um momento significado, interpretado e construído pelos seres humanos em determinado contexto, associado a marcas do desenvolvimento do corpo. Essas marcas constituem também a adolescência enquanto fenômeno social,

---

<sup>19</sup> Esta perspectiva concebe o sujeito como um ser histórico, isto é, um ser constituído no seu movimento; constituído ao longo do tempo pelas relações sociais, pelas condições sociais e culturais engendradas pela humanidade (BOCK; GONÇALVES; FURTADO, 2001).

mas o fato de existirem enquanto marcas do corpo não deve fazer da adolescência um fato natural.

Deixamos de ser tão moralistas ou prescritivos de uma suposta normalidade. O “normal” em nossa sociedade nada mais é que aquilo que os homens se interessaram em valorizar, mas não é nem natural, nem eterno. Tudo, no psiquismo humano, pode ser diferente. Os modelos de normalidade e de saúde precisam ser considerados historicamente. As características da adolescência tem sua explicação nas relações sociais e na cultura e não no próprio desenvolvimento do sujeito que se constitui como adolescente. Claro que o sujeito construirá esse processo imprimindo-lhe suas características; mas a adolescência como conceito geral, como referência cultural para o próprio sujeito que se constitui, não pode ser analisada a partir do sujeito, como se suas características surgissem naturalmente à medida que atingisse determinada idade (AGUIAR; BOCK; OZELLA, 2001, p. 167).

Corroborando com essa crítica, Joaquín Blasco (1997) chama a atenção de alguns riscos a se pensar adolescência dentro dessa perspectiva naturalizada e universal, e um deles é “rotular de patológico o adolescente não rebelde ou que não aparente as dificuldades contidas” (p. 146-147).

Maria Ribolla e Geraldo Fiamenghi Jr. (2007) dialogam com as contribuições de Ana Bock, Maria Gonçalves e Odair Furtado (2001), e apontam para a inexistência da adolescência como uma fase natural do desenvolvimento, pois ela é construída segundo os padrões culturais que marcam um dado momento na história, podendo ser compreendida inserida no contexto que lhe deu origem; assim, as marcas da contemporaneidade estão presentes nos padrões comportamentais existentes nos jovens hoje.

É importante acentuar que essa concepção, segundo a proposta da psicologia sócio-histórica, faz quebrar aquela noção engessada e que tenta encaixar a adolescência dentro de um padrão, e esse convite para reflexão acerca da adolescência “despatologiza” o desenvolvimento humano na medida em que o torna histórico.

Passamos a compreender que as formas que assumimos como identidades, personalidades e subjetividades são construídas historicamente. A sociedade, constituídas por nós mesmos, nos dá os limites e as possibilidades de “sermos”. A adolescência, na forma como se constitui, deve ser entendida no seu movimento e suas características devem ser compreendidas no processo histórico de sua constituição (AGUIAR; BOCK; OZELLA, 2001, p. 167).

Dentre as características que constituem a adolescência, as marcas corporais são importantes, sendo estas significadas socialmente e não devem ser tomadas no conceito de adolescência em si, de modo a naturalizar as mudanças corporais e a adolescência deve ser compreendida nessa inserção. Para a abordagem sócio-histórica “só é possível compreender qualquer fato a partir de sua inserção na totalidade em que ele foi produzido, totalidade essa que o constituiu e lhe dá sentido” (AGUIA; BOCK; OZELLA, 2001, p. 169).

É importante acentuar que essa concepção, segundo a proposta da psicologia Sócio-histórica, faz quebrar aquela noção engessada e que tenta encaixar a adolescência dentro de um padrão, e esse convite para reflexão acerca da adolescência “despatologiza” o desenvolvimento humano na medida em que o torna histórico.

Passamos a compreender que as formas que assumimos como identidades, personalidades e subjetividades são construídas historicamente. A sociedade, constituídas por nós mesmos, nos dá os limites e as possibilidades de “sermos”. A adolescência, na forma como se constitui, deve ser entendida no seu movimento e suas características devem ser compreendidas no processo histórico de sua constituição. A adolescência deixa de ser analisada como algo abstrato, algo natural em si, para ser vista como uma etapa que se desenvolve na sociedade, uma fase do desenvolvimento e uma etapa na história da humanidade (AGUIAR; BOCK; OZELLA, 2001, p. 167).

Essa visão diferenciada trazida por Wanda Aguiar, Ana Bock e Sergio Ozella (2001), vincula o desenvolvimento do ser humano à sociedade, vinculando também a psicologia ao desenvolvimento

social. Ao falar do desenvolvimento humano e da adolescência, estaremos falando do desenvolvimento da sociedade.

A adolescência existe e é caracterizada bem como dotada de sentidos dentro de um contexto sócio, histórico e cultural. Sendo assim, são importantes referências as condições sociais que facilitam, contribuem ou dificultam o desenvolvimento de determinadas características dos adolescentes.

### **CAMINHOS PARA PENSAR A (HOMO)SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA**

Para Michel Foucault (2005), a experiência da heterossexualidade, pelo menos desde a Idade Média, foi sempre formada por dois quadros: de um lado o quadro da corte, no qual o homem seduz a mulher; e de outro o do ato sexual em si. Mas a grande literatura heterossexual do Ocidente se polarizou fundamentalmente em torno do quadro da corte amorosa, isto é, de tudo quanto precede o ato sexual. Toda a atividade do refinamento intelectual e cultural, toda a elaboração estética ocidental, se centrava na corte. Daí a reduzida valorização literária, cultural e estética do ato sexual em si. Por outro lado, a experiência homossexual moderna não tem nenhuma relação com a corte em se tratando da “liberdade” de expressar a sexualidade.

No entanto, na cultura cristã ocidental a homossexualidade se viu repelida diante da normatização da relação heterossexual, e o discurso e práticas sobre a homossexualidade ficaram concentradas no próprio ato sexual. Não se permitiu aos homossexuais elaborarem um sistema de corte, uma vez que lhes foi negada a expressão cultural necessária a essa elaboração. O espaço entre a piscadela na rua e o ato sexual demonstra a rapidez com que as relações homossexuais são consumadas, tendo esses fenômenos origem numa proibição. Por isso,

quando começam a se desenvolver uma cultura e uma literatura homossexuais, elas se centram no aspecto das relações sexuais (FOUCAULT, 2005).

Segundo Marilena Chauí (1984), para se referir à homossexualidade, na Grécia e Roma antigas, era utilizado o termo homofilia que por sua vez era tolerada quando a figura era masculina e inclusive, tais atos eram estimulados. Somente no ano de 1969 que o termo homossexualidade foi criado pelo jornalista austro-húngaro **Karl-Maria Kertbeny**. Contudo, as práticas homoafetivas já existiam há muito tempo, segundo o antropólogo Luiz Mott (2003):

Antes mesmo de ter sido escrita a primeira linha da Bíblia, já existiam documentos, no antigo Egito, há mais de cinco mil anos antes de Cristo, que descrevem relações sexuais entre dois deuses e dois homens. Há também, grandes personagens da antiguidade, como o general Alexandre Magno, o filósofo Sócrates, a poetisa Safo de Lesbos, [que mantinham relações afetivas com pessoas do mesmo sexo] (p. 12).

Segundo Rita Vasconcelos (2009),

com o advento do Cristianismo, o Império Romano, que antes celebrava a bissexualidade, passa a condenar as práticas homoeróticas. Os códigos de conduta, a moral e a ética impostas pela Igreja, aliada ao império, segregam os indivíduos que estão fora dos padrões socialmente estabelecidos. O tribunal do Santo Ofício, instituído na Europa, perseguia aqueles que praticavam heresia e a homossexualidade estava incluída dentre estas práticas (p.33).

É notório, diante de todo esse contexto, que o cristianismo (ou a moral cristã) tem forte influência sobre as condutas dos sujeitos, determinando o uso do sexo para a procriação, punindo e condenando como um pecado contra a natureza as práticas sexuais hétero e principalmente as homossexuais, que não fossem para procriação.

A partir do século XIX, a ciência médica passa a exercer um controle terapêutico que substitui o antigo controle religioso,

emergindo na Europa e no Brasil a preocupação com a homossexualidade – antes tida como pecado, vício ou crime, passíveis de castigos ou de penas – passa a ser considerada uma patologia que necessita da intervenção e do cuidado do médico, em especial, do psiquiatra (TREVISAN, 2007). “A psiquiatria, com larga experiência no trato da loucura, passa a enquadrar os desvios à norma não mais como crimes e sim como doenças. O pederasta, agora considerado doente, não era mais culpado por transgredir a norma, do ponto de vista jurídico”, segundo Rita Vasconcelos (2009, p. 36).

Peter Fry e Edward MacRay (1985) apontam que nesse período a medicina iniciou estudos acerca das causas da homossexualidade, e apresentou duas causas principais: as biológicas, destacando a hereditariedade e os defeitos congênitos e defeitos hormonais; e as causas de cunho social. Uma vez que havia causas endócrinas e orgânicas, os médicos viam, dessa forma, a possibilidade de cura, pela correção hormonal, por exemplo. Além disso, se fosse observada que as causas eram de caráter social, haveria “medidas pedagógicas” de correção.

Foi somente a partir da década de 1990, que a psicologia e outras áreas de saúde e assistência social começam a pautar que a homossexualidade não é uma doença, desvio de conduta ou transtorno mental como foi tratada durante muitos anos, e sim, uma expressão da sexualidade. Já no ano de 1985 o Conselho Federal de Medicina e a Organização Mundial da Saúde retiraram a homossexualidade da lista de desvios sexuais, despatologizando-a. O Conselho Federal de Psicologia (CFP) se posicionou sobre o tema, elaborando uma resolução, de nº 001/1999 de 22 de Março de 1999, onde estabelece que a homossexualidade não seja considerada uma patologia. A mesma proíbe qualquer ação de psicólogos (os) que possa colaborar com uma representação da homossexualidade como doença ou anormalidade, bem como realizar procedimentos psicoterápicos para mudança de orientação sexual.

Como posto, nas últimas décadas, a homossexualidade tem sido vista como mais uma expressão da sexualidade que esteve presente em práticas sexuais ao longo da história da humanidade – incluindo também comprovações de que há práticas homoeróticas no reino animal. E esse reflexo se dá com grande participação dos movimentos sociais para mudanças de perspectivas, especificamente os movimentos Feministas e LGBT (Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis). O movimento LGBT foi braço do capital político do movimento feminista que contribuiu para a sua fundação, compactuando sua agenda e buscando promover na esfera pública um valor central para ambos, isto é, a “liberdade sexual” (CARRARA, 2010).

Em se tratando de adolescentes, seriam as práticas, os desejos, sentimentos, ou como está estereotipado no cenário social, o andar, o se vestir, um beijo ou “*selinho*” etc., entre adolescentes do mesmo sexo que vão determinar que estes sejam homossexuais? E os clichês, segundo os quais o homossexual é um “homem afeminado”, ou a lésbica uma “mulher masculinizada”, são ainda comuns hoje como no imaginário social, tanto quanto era há algumas décadas? No censo comum, pessoas não homossexuais acabam sendo enquadrados dentro desses estereótipos porque estes não coadunam com os padrões (heteronormativos) ditados socialmente – seja na sua aparência física, no jeito de fala e de se vestir.

Portanto, para responder a pergunta inicial, trago o conceito de Identidade, que “pode ser definida como um fator diferenciado que certos indivíduos possuem de determinadas posições culturais, políticas e econômicas correntes em cada sociedade” (CHASIN, 2000 apud NUNAN, 2003, p.116). Maria Jacques (1998) ressalta que a identidade de um indivíduo é formada por duas partes articuladas entre si: identidade pessoal que diz respeito aos atributos específicos do indivíduo, de como ele(a) se reconhece e se identifica como seus

iguais; e identidade social, que se refere aos atributos que assinalam o pertencimento a grupos ou categorias.

Na impossibilidade de se identificarem com o grupo tradicional, ou seja, com grupos que atendem as normativas em relação a comportamentos de gênero e sexualidade heteronormativa, muitos gays e lésbicas acabam lutando por uma identidade própria, cujo componente central parece ser, entre outros, o desejo homossexual, como aponta Carlos Souza (1989).

Marina Castañeda (2007) afirma que “a identidade implica, portanto, numa convergência de desejos, de sentimentos, de práticas e consciência, que culminam em uma definição e uma aceitação de si como homossexual” (p. 52). Portanto, perguntar ao adolescente como este(a) se identifica perante a sua sexualidade é o recomendado para evitar entrar em um terreno escorregadio que cerca a nomeação de uma pessoa (por outra) como homossexual. A pergunta pode parecer simplista, mas é de importância fundamental. O fato de um(a) adolescente se dizer homossexual e de um(a) adolescente ser chamado(a) assim pelos outros é essencialmente diferente. E isto tem implicações muito diversas.

Vários adolescentes homossexuais, como exemplo do que acontece em nossa cultura, namoram garotas ou tentam manter relações sexuais com elas apesar da ausência de desejo heterossexual, para satisfazer as expectativas dos pais, amigos e sociedade (ISAY, 1998, p. 14).

Sem embargo, é na adolescência que os sujeitos percebem a intensidade e dão significado ao desejo, a atração sexual, o prazer e a fantasia sexual. Usualmente, na adolescência o contato sexual se concretiza, além da masturbação, na relação com outra pessoa, envolvendo as partes erotizadas (vagina, ânus, pênis, etc.) e todo o corpo. Essas manifestações sexuais e as afetivas podem ocorrer entre adolescentes do mesmo sexo e entre adolescentes de sexos opostos, ou

até mesmo práticas bissexuais. É comum que tais manifestações sejam compreendidas, até mesmo identificadas nos discursos dos adolescentes (e da sociedade), como uma forma de experimentação, uma descoberta, principalmente quando estas ocorrem entre pessoas do mesmo sexo. Essas experimentações podem ser vistas também uma forma de afirmação da sua identidade sexual, através da concretização de desejos e fantasias.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pergunta “Beije um garoto. Eu sou gay?” suscita reflexão sobre de que forma os(as) adolescentes se sentem identificados(as) com as práticas homoeróticas e os questionamentos que lhes fazem a respeito da sua sexualidade quando esta não atende um padrão socialmente esperado (o heterossexual).

Na adolescência, a sexualidade será exercida de diversas formas, mas se um padrão não for atendido, os(as) adolescentes ficam vulneráveis ao preconceito e à discriminação, que podem começar inclusive no âmbito familiar por ser comum os pais e cuidadores(as) esperarem comportamentos condizentes com o sexo de seus filhos(as), o que inclui uma disposição para se relacionar com o sexo oposto. Os pais criam uma série de expectativas em relação ao ser que está por vir, menina ou menino, definindo logo de início o que é esperado dessa criança: compram roupas de determinadas cores, decoram o quarto com motivos femininos ou masculinos, escolhem os brinquedos adequados ao sexo biológico, a partir da aprendizagem cultural sobre as diferenças sexuais, como apontam Jane Felipe e Bianca Guizzo (2003). Consequentemente, o adolescente de desenvolve em uma cultura que, desde o princípio, determina comportamentos que são considerados como certos e desejados de acordo com o sexo do bebê.

A falta de conhecimento dessas dimensões que cercam a diversidade sexual, conseqüentemente reforça os preconceitos que são socialmente construídos e que fazem com que a vivência da sexualidade principalmente para adolescentes que se identificam como homossexuais, seja cercada de culpa, vergonhas e constrangimento, desencadeando angústia e dor.

Por fim, a construção de sentidos sobre a homossexualidade também passa pela sua prática e é o que também vai envolver a construção da identidade homossexual: se você experimenta *ficar* com alguém do mesmo sexo e gostar, você pode se denominar homossexual e dialogar como a identidade “gay” – refere-se justamente a essa coerência e a essa aceitação da homossexualidade (CASTAÑEDA, 2007).

## REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

AGUIAR, Wanda; BOCK, Ana; OZELLA, Sergio. **A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica**. In: BOCK, Ana; GONÇALVES, Maria; GURTADO, Odair (Orgs). *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez, 2001.

BOCK, Ana; GONÇALVES, Maria. Graça; FURTADO, Odair (Orgs.). **Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001.

BLASCO, Joaquín. **Una revisión de la idea de adolescencia como etapa de crisis y turbulencia**. In: Congreso Internacional de la Asociación Nacional de Psicología Evolutiva y Educativa de la Infancia y la Adolescencia (INFAD), 7., 1997, Oviedo. anais. 1997. p.142-150.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, 2. ed., Brasília: Câmara dos Deputados, Edição Câmara, 2010.

CARRARA, Sérgio. **Políticas e direitos sexuais no Brasil contemporâneo**. *Revista Bagoas*, nº05, p.131-147, 2010.

CASTAÑEDA, Marina. **A experiência Homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas**. 'Tradução de Brigitte Hervot e Fernando Teixeira Filho'. São Paulo: A Girafa Editora, 2007.

CHASIN, Alexandra. **Selling Out: the gay and lesbian movement goes to market**. New York: St. Martin's Press, 2000 apud NUNAN, Adriana. In: *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*, Rio de Janeiro: Caravansaraí Editora, 2003.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Resolução 001/1999*. Disponível em: <<http://www.cfp.org.br/resolucoes>> Acessado em: 29 mar. 2015.

DEBESSE, Maurice. **A Adolescência**. Publicações Europa-América, 1946 apud

BOCK, Ana; GONÇALVES, Maria; FURTADO, Odair (Orgs.). *Psicologia Sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez, 2001.

EISENSTEIN, Evelyn. **Adolescência: definições, conceitos e critérios**. *Revista Adolescência & Saúde*, Rio de Janeiro: 2005. Vol. 2.

ERIKSON, Erik. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

FORMIGLI, Vera; COSTA, Maria; PORTO, Lauro. **Avaliação de um serviço abrangente de cuidados de saúde do adolescente**. *Cadernos de Saúde Pública*, 16, 831-841, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Um diálogo sobre os prazeres do sexo**. São Paulo, Landy Editora, 2005.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é Homossexualidade?** São Paulo: Abril Cultural Brasiliense, 1985.

GUIZZO, Bianca; FELIPE, Jane. **Erotização dos Corpos Infantis na Sociedade de Consumo**. *Revista Pro-Posições*, v. 14, n.3 (42) - set./dez. 2003.

ISAY, Richard. **Tornar-se Gay**. O Caminho da Auto-Aceitação. São Paulo: Summus Edições GLS, 1998.

JACQUES, Maria et al. **Psicologia Social Contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MOTT, Luiz. **Homossexualidade: Mitos e Verdades**. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2003.

NUNAN, Adriana. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

RIBOLLA, Maria; FIAMENGGHI JR., Geraldo. **Adolescentes na escola: representações sociais Sobre violência**. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*. V. 11, n. 1 Janeiro/Junho, 2007. p.111-121.

SANTOS, Benedito. **A emergência da concepção moderna de infância e adolescência. Mapeamento, documentação e reflexão sobre as principais teorias**. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Antropologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo – SP, 1996.

SOUZA, Carlos. **A homossexualidade ao longo dos tempos**. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v.38,2. 6, nov./dez.1989. p. 321-326.

TREVISAN, João. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

VASCONCELOS, Rita. **O “gueto” para homossexuais de Fortaleza: desvendando preconceitos e significados**. 2009. 60 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Serviço Social) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Ceará, 2009.